

Um texto sobre o “Orfeu” e a “Presença” – ensaio sobre a cegueira ou a revolução do discurso crítico em Portugal

Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.¹

É fatal. Quando falamos de mitos acabamos por nos tornar mitológicos.²

À primeira vista poucas semelhanças parecem existir entre as palavras das personagens de José Saramago, no seu *Ensaio sobre a Cegueira*, e a afirmação proferida por Eduardo Lourenço a propósito de *O Homem Revoltado*, de Camus, a começar pelas quatro décadas que as separam. No entanto, reparando um pouco mais atentamente, damos-nos conta que o romancista e o ensaísta partilham algumas características que os tornam, cada um à sua maneira, figuras cimeiras da (nossa) cultura: em ambos, a atitude anti-dogmática, o espírito de polémica e uma escrita marcada pelo exercício argumentativo que se sustenta numa permanente capacidade de reflectir e de (nos) fazer reflectir, na tentativa de (des)construção do conhecimento realizada a partir do *olhar* sobre o outro e das leituras e desleitura que do mundo vamos fazendo.

Meio século decorre agora desde que Eduardo Lourenço aceitou o desafio de pensar a poesia pós-“Orfeu”, produzindo um «famigerado texto»³ que intitulara «juvenilmente, provocatoriamente, “Presença” ou contra-revolução do modernismo»⁴ e que sofreu as vicissitudes do seu tempo, um tempo a preto e branco, mas também os riscos da passagem pelo Tempo que, inexorável, o obrigou a sobreviver. Inquieto e inquietante, o texto. Inquietados, todos aqueles que sentiram a necessidade

¹ José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1995, p. 310.

² Eduardo Lourenço, «Revolta: Escolha de Revoltados», in *Tricórnio*, Lisboa, Novembro de 1952 – tiragem especial de 30 exemplares, p. 50.

³ Eduardo Lourenço, «Orfeu e Presença», in *Revistas, Ideias e Doutrinas – Leituras do Pensamento Contemporâneo*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003, p. 93.

⁴ *Idem, ibidem*.

de o comentar, revisitando-o e revisitando por isso todo um conjunto de conceitos que o escritor de ideias se/nos desafiou a pensar.

Ao referir-se a esse texto republicado em 2003 e inserido em *Tempo e Poesia*, Eduardo Lourenço sublinha desde logo a marca irreverente de um ensaio que, não obstante o seu carácter datado, gerou polémica⁵, não só na crítica da época, mas especialmente em textos subsequentes, o que justificará as palavras lúcidas do ensaísta: «De todos os ensaios do autor, nenhum suscitou mais diversos comentários do que este.»⁶ O famoso ensaio de Lourenço, datado de 1958, é publicado pela primeira vez em 1960, inserido no Suplemento Literário de *O Comércio do Porto*, sob a temática «A poesia “Post-Orfeu”» e, dada a sua extensão, sai bipartido a 14 e a 28 de Junho.

Dois meses depois, Adolfo Casais Monteiro, a residir no Brasil (como, aliás, também Lourenço na época), e usufruindo do seu estatuto privilegiado de protagonista do grupo da *presença*, nomeadamente enquanto director da “folha de arte e crítica” coimbrã desde 1931 até à sua extinção, iniciará uma onda de reacções que legitimarão um debate que perdura até aos dias de hoje, tornando-se um marco incontornável nos estudos sobre as duas gerações literárias e culturais que marcaram a primeira metade do século XX e que foram inscritas na história da literatura como as gerações de “Orfeu” e da “Presença”, inevitavelmente associadas às revistas com o mesmo nome.

Parece óbvio que Eduardo Lourenço não poderia imaginar a projecção que o seu ensaio teria ao criar uma série de opositores que advogavam ser o espírito da “Presença” o continuador cultural do “Orfeu”; paradoxalmente (ou talvez não), foi esse mesmo ensaio que o tornou o centro de uma polémica que levaria Miguel Real a considerar o controverso texto lourenciano o «artigo de crítica literária possivelmente mais famoso do século XX em Portugal».⁷ Efectivamente, com a distância e objectividade que as cinco décadas decorridas após a sua escrita permitem, poder-se-á hoje

⁵ Entenda-se polémica como força geradora de dinâmicas de reflexão e criação e não no sentido pejorativo frequentemente associado ao termo.

⁶ Eduardo Lourenço, «Notas», in *Tempo e Poesia*, 1ª ed., Lisboa, Gradiva, 2003, p. 225.

⁷ Miguel Real, *O Essencial sobre Eduardo Lourenço*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 17.

comprovadamente subscrever esta asserção. São vários os factores a equacionar de forma a compreender a amplitude que a polémica gerada pelo ensaio assumiu, começando logo pela sua republicação no Rio de Janeiro, em 1961, em que o texto surge mais desenvolvido e completo, nomeadamente integrando as referências a Casais Monteiro que haviam sido censuradas no texto publicado em Portugal, e continuando em posteriores publicações de 1962, 1974, 1987 e 2003, que sofreram algumas variações relativamente ao texto inicialmente publicado no jornal portuense. No entanto, os traços característicos que fazem deste ensaio um verdadeiro acto criativo e que o tornam um real motivo de sedução mantiveram-se, na essência, inalteráveis: a atitude de permanente questionamento de ideias feitas/mitos que se interligam no texto com várias referências culturais, a particularidade de ter sido escrito num contexto histórico-literário espartilhado entre ortodoxias – o catolicismo e o marxismo – que condicionavam a criação e a crítica literárias, por um lado, e marcado por grandes tensões sociais e políticas de que não pode ser olvidado o papel da censura (que tão cuidadosamente visou o texto lourenciano), por outro, a pulsão poética do ensaísmo lourenciano e a perspectiva inovadora do posicionamento do autor face à crítica literária e ao papel a desempenhar pelo crítico. Eduardo Lourenço propõe, corajosamente, a revisão da mitologia cultural instituída pelos presencistas e assumida pela crítica, revolucionando assim a atitude que delineara um fio de continuidade entre a “Presença” e o “Orfeu” e sugerindo que se olhe para as obras dos autores rotulados como pertencendo ao primeiro e segundo modernismos, colocando o acento não na cronologia, mas na natureza dos fenómenos culturais de modo a “separar sem dor esses falsos irmãos siameses que mutuamente se prejudicam.»⁸ Trata-se, pois, de um reposicionamento das relações entre estes dois movimentos, inserido num projecto mais abrangente de que Lourenço começara já a dar alguns sinais em textos anteriores, ao reflectir sobre o exercício da crítica e a postura do Crítico.

⁸ Eduardo Lourenço, «“Presença” ou a Contra-Revolução do Modernismo Português?», in *Tempo e Poesia*, 1ª ed., Lisboa, Gradiva, 2003, p. 135.

Simultaneamente destruidor, criador e fixador de mitos, Lourenço contribuirá decisivamente para o surgimento de uma *metacrítica*, instrumento regulador de qualidade de que José Régio⁹ sentira já a necessidade em 1936, e de uma *mitocrítica* que visava reequacionar alguns mitos literários que faziam parte integrante da cultura portuguesa.

Em 1957, Lourenço, efectivamente, alertara para o principal problema dos críticos em Portugal que consistia em considerarem o exercício da crítica não só superior à própria criação artística, mas também uma actividade independente dela: «É o estatuto ilusório desta crítica que hoje agoniza.»¹⁰ O panorama crítico a que o autor se refere é o da crítica da sua juventude veiculada na imprensa ou nas revistas literárias e que o autor define metaforicamente como «uma espécie de águia de duas cabeças, mais unida do que se poderia pensar, mas que se autodilacerava com inesgotável apetite.»¹¹ Trata-se, obviamente, do que pode ser, de uma forma genérica, designado por crítica presencista e neo-realista.

Eduardo Lourenço representará o crítico através da imagem de um «marajá caçando o tigre real do alto da torre confortável e segura de um elefante»¹², ou seja, alguém que se coloca na posição de julgar a obra, explicando-a através da metodologia psicologista, sociologista, historicista ou linguística, qualquer uma insuficiente ao remeter a obra para um lugar secundário, fazendo do crítico um mediador entre a obra e o leitor. Subvertendo este *status quo* representado pelo *pater criticus* nacional, João Gaspar Simões, Lourenço avança com a ideia de que “*Não é tanto o crítico que julga a obra, é a obra que julga o crítico.*”¹³ Gaspar Simões, fenómeno de longevidade na crítica nacional, será uma das figuras que, com mais persistência e veemência,

⁹ Atente-se nas palavras de Régio: «A crítica aos críticos é das mais importantes modalidades da crítica; e das mais interessantes. Não pensa, meu amigo, que é modalidade bastante descuidada entre nós? E que a esse descuido se deve, em parte, a fácil *literatice crítica*, fácil e conseqüentemente abundante, em que tantos mancebos hoje expandem as suas incompreensões, as suas precipitações, as suas confusões, as suas desatenções?», in *Críticos e Criticados (Carta a um amigo)*, Lisboa, Cadernos da “Seara Nova”- Estudos Literários, Seara Nova, 1936, p. 13.

¹⁰ Eduardo Lourenço, «Ficção e Realidade da Crítica Literária» (1957), in *O Canto do Signo – Existência e Literatura* (1957-1993), 1ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1994, p. 21.

¹¹ Eduardo Lourenço, «Crítica e Metacrítica» in *Tempo e Poesia*, 1ªed., Lisboa, Gradiva, p. 15.

¹² Idem, «Ficção e Realidade da Crítica Literária» (1957), in *O Canto do Signo – Existência e Literatura* (1957-1993), p. 15.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 22.

rebaterá o ensaio de Lourenço, levando mesmo este a declarar a inutilidade das tentativas de explicação do ensaio dirigidas a Gaspar Simões. Na verdade, o que esta distinta personalidade do movimento coimbrão nunca perdoará a Lourenço é, por um lado, a carga política e ideológica da expressão “contra-revolução” que Simões, indevidamente, atribuiu ao título do ensaio e, por outro lado, a intromissão da filosofia na crítica literária que conduzia, na sua opinião, a uma distorção no modo de encarar a literatura e desviava o acto crítico da sua função social, perdendo-se a ligação da obra com o leitor.

A recepção ao desorientador texto de Lourenço foi polémica, aquando da sua publicação inicial, mas importa salientar que, independentemente das opiniões que suscitou, teve como mérito questionar o fenómeno da “Presença”, como o atesta o próprio Gaspar Simões, que confirmará em 1972 o importante contributo de Lourenço para a mitificação da “Presença” através da tese enunciada neste ensaio.¹⁴ O testemunho de Gaspar Simões é essencial para a compreensão do fenómeno “Presença” ou *mito-presença*, já que acompanhou toda a vida da revista e privou com as figuras dessa geração tão profícua, estando presente num determinado tempo histórico de que foi protagonista, mas também porque acompanhou grande parte da crítica que sobre essa geração se produziu e que terá contribuído de forma decisiva para a perpetuação do mito.

O ensaio de Lourenço acabará por marcar o entendimento das gerações posteriores à “Presença” e influenciar os exegetas órficos e presencistas, chegando mesmo a melindrar os presencistas convictos, alguns dos quais ainda hoje recordam aquilo que consideram ser uma visão *ligeira* desse movimento, e originando uma diversidade de comentários que contribuíram decisivamente para a mitificação da tese da “Presença” como contra-revolução do modernismo e constituindo-se os autores das críticas mais violentas, por certo involuntariamente, nos garantes dessa mesma tese. O texto provocou reacções contundentes naqueles que ainda viviam as convicções presencistas e nos que se reviam nelas, mas talvez o mais interessante e estimulante na

¹⁴ Ver João Gaspar Simões, «Adolfo Casais Monteiro – A Poesia da “Presença”: Estudo e Antologia», (1972), in *Crítica V – Críticos e Ensaístas Contemporâneos (1942-1979)*, pp. 667-672.

perspectiva da Crítica literária seja o facto notável de o tempo não ter diluído o interesse pela tese contra-revolucionária mas, pelo contrário, de a ter tornado referência obrigatória no discurso de figuras com as mais diversas formações que procedem a leituras do texto do ponto de vista filosófico, político, literário, e até sociológico. Existem as mais variadas análises sobre este ensaio. Desde a sociológica, mais extremista, que explica a aceitação da tese de Lourenço pelo facto de não existir uma verdadeira cultura crítica em Portugal, o que justificaria o surgimento de um conjunto de seguidores incondicionais e até inconscientes das teses do autor de *Heterodoxia*, até àqueles que destacam a audácia de um texto que abalou as consciências críticas, como o atestam as palavras de Eduardo Prado Coelho: «a afirmação de Eduardo Lourenço não é apenas uma opinião mais ou menos desfavorável em relação aos homens da *Presença*, mas o lugar onde se decide toda a compreensão da história literária portuguesa do século XX.»¹⁵

Assim, sempre que se refere Lourenço, o modernismo, “Orfeu”, a “Presença”, Torga ou Régio, quer seja em artigos de jornal, em textos académicos sobre o autor ou sobre outras temáticas, quer seja em verbetes de dicionários, prefácios,¹⁶ ou ainda em sítios da Internet, conferências, colóquios ou encontros, é inevitável aludir-se ao famoso texto. No entanto, não obstante os argumentos e contra-argumentos, todos os críticos são unânimes em considerar este ensaio de Lourenço uma referência incontornável na arquitectura das relações entre “Orfeu” e “Presença”, enquanto fenómeno de invulgar valor, quer no plano da criação, quer no plano da crítica.

Complementarmente, registre-se o carácter auto-crítico de Lourenço que, a propósito deste texto, como de muitos outros, se revela pelas observações que faz à polémica, o que acentua a lucidez crítica com que é capaz de se auto-analisar e que o torna capaz de colocar a ironia, recurso tão característico da sua escrita (na linha da herança pessoana), ao serviço da crítica, como se depreende das palavras endereçadas a Jorge de Sena, em 1967:

¹⁵ Eduardo Prado Coelho, «Teorias da presença», in *Colóquio Letras*, nº 42, p. 53.

¹⁶ No prefácio à obra de Casais Monteiro *O que foi e o que não foi o Movimento da “Presença”*, Fernando Martinho faz uma breve referência à participação do autor na *presença*, ocupando grande parte do prefácio a dissecar o texto «Páginas de um Diário por Escrever», no qual Monteiro analisa a tese da contra-revolução.

As minhas pessoais aventuras com a *presença* conheceram várias fases. A última consta de um breve ensaio publicado na *Revista do Livro* do Rio em que caracterizava a *presença* como contra-revolução, ou antes, bonapartismo do modernismo. No fundo é isso da sua engraçadíssima imagem da *presença* como *Osservatore Romano* e o Simões de padre-sacristão.¹⁷

Consciente dos equívocos causados, Lourenço procurou sempre esclarecer que o seu objectivo era o de combate ideológico contra Régio e o que ele representava nas décadas de 40 e 50. Mas o autor também não deixa de admitir que a persistência e agressividade dessa crítica, respeitosa e admirativa, contribuíam para fortalecer a obra e a figura do autor de *Poemas de Deus e do Diabo*:

No fundo, nada contribui mais para o conservar vivo e o estabelecer na sua grandeza solitária que esse encarnçamento de toda uma geração que o combatia no plano da visão do mundo e da atitude ideológica – singularmente esquematizadas uma e outra – preservando e reverenciando, em geral, a alta e rara qualidade estética e moral da sua obra.¹⁸

Deste modo, a uma fase inicial de grande combatividade ao texto, por parte daqueles que ainda tinham participado directamente na “Presença”, foi-se passando gradualmente para uma fase de consciencialização da importância do ensaio para a história das relações entre os dois grandes movimentos literários e culturais da primeira metade do século XX. O Tempo, que soube acalmar algumas sensibilidades, acabará por situar o ensaio como um episódio decisivo na reflexão sobre a análise crítica da literatura portuguesa, integrada na visão mais abrangente da nossa cultura.

Na verdade, e considerando a repercussão do texto, tanto nos *presencistas* que se sentiram directamente visados, como na crítica posterior, afigura-se mais importante ainda analisar a importância do ensaio como motor de várias leituras, isto é, gerador de uma dinâmica de reflexão em torno dos mitos da crítica, do que propriamente dissecar os argumentos utilizados por todos

¹⁷ Eduardo Lourenço, in *Correspondência Eduardo Lourenço/Jorge de Sena* (organização e notas de Mécia de Sena), Lisboa, Imprensa Nacional, 1991, p. 58.

¹⁸ Idem, «Sobre Régio», in *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, p. 144.

aqueles que a ele se referiram. Trata-se de um texto que ficará irremediavelmente colado à figura do seu criador, dos seus re(criadores), e presença obrigatória numa história da crítica literária.

Órficos e presencistas, deuses e homens, marcaram a história da moderna poesia portuguesa e alteraram o modo de *pensar* a arte. Reflectir sobre as consequências desse pensamento e redimensionar a posição da *Presença* na história literária foi a proposta do ensaio de Eduardo Lourenço que só vem comprovar a (sua) eterna vontade de compreender. A nossa proposta é que a memória das palavras não se apague e o debate de ideias continue em torno dos poetas e dos mitos por eles criados: «Os poetas inventaram sempre os mitos de que precisávamos e aos quais recorreremos se não temos génio para os ampliar ou para inventar outros.»¹⁹

Para terminar, recordo as palavras de Miguel Torga, endereçadas a Eduardo Lourenço em 1957, a propósito da publicação de «A Correspondência Pessoa-Simões e o Mito da “Presença”», texto igualmente decisivo para a compreensão das relações entre as duas gerações:

De maneira que julgo poder falar-lhe em limpeza de espírito, e dizer-lhe honradamente que o meu Amigo escreveu uma das páginas mais escaroladas, justas e penetrantes que até hoje a crítica literária portuguesa produziu. [...] Só lhe peço que mantenha pela vida fora essa isenção, coragem e amor pela verdade, já que as outras qualidades com que a natureza o dotou são menos corruptíveis.²⁰

Cinquenta anos passados, parece-me quase desnecessário acrescentar que, muito mais do que uma homenagem justa, estas palavras de Torga se revelam como uma indelével e clarividente profecia de que, hoje como ontem, todos beneficiamos ainda.

¹⁹ E.L., «Explicação pelo Inferior ou a Crítica sem Classe contra Fernando Pessoa», (1952), in *Ocasionais I (1950-1965)*, p. 115.

²⁰ Esta missiva, com a data de 14 de Junho de 1957, integrava a Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento de Miguel Torga – 1907-1995, patente na Biblioteca Nacional de 10 de Setembro a 12 de Outubro de 2007.

BIBLIOGRAFIA

1. PRINCIPAL

LOURENÇO, Eduardo, «"Presença" ou a Contra-Revolução do Modernismo» (2/12/1958), in *O Comércio do Porto - Suplemento Cultura e Arte*, Ano IX, 14 e 28 de Junho de 1960, p.6.

-----, «"Presença" ou a Contra-Revolução do Modernismo Português», in *Revista do Livro*, nº 23-24, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Julho – Dezembro, 1961, pp. 67-81.

-----, «"Presença" ou a Contra-Revolução do Modernismo», in *Estrada Larga 3 – Antologia do Suplemento de Cultura e Arte de 'O Comércio do Porto'*, Costa Barreto (org.), Porto, Porto Editora, 1962, pp. 238-251.

-----, «"Presença" ou a Contra-Revolução do Modernismo Português?», in *Tempo e Poesia – À Volta da Literatura*, Porto, Editorial Inova, 1974, pp. 165-194.

-----, «"Presença" ou a Contra-Revolução do Modernismo Português?», in *Tempo e Poesia – À Volta da Literatura*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1987, pp. 143-168.

-----, «"Presença" ou a Contra-Revolução do Modernismo Português?», in *Tempo e Poesia*, 1ª ed., Lisboa, Gradiva, 2003, pp. 131-154.

2. SECUNDÁRIA

BAPTISTA, Maria Manuel, *Eduardo Lourenço – A Paixão de Compreender*, 1ª ed., Porto, Edições Asa, 2003.

----- (coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço – dos Críticos*, Porto, Ver o Verso Edições, 2004.

COELHO, Eduardo Prado, «Teorias da *presença*», in *Colóquio Letras*, nº 42, Lisboa, Março 1978, pp. 44-54.

LOURENÇO, Eduardo, «Revolta: Escolha de Revoltados», in *Tricórnio*, Lisboa, Novembro de 1952 – tiragem especial de 30 exemplares, pp. 50-52.

-----, «Explicação pelo Inferior ou a Crítica sem Classe contra Fernando Pessoa», (1952), in *Ocasionais I (1950-1965)*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1984, pp. 113-117.

-----, e SENA, Jorge de, *Correspondência*, (organização e notas de Mécia de Sena), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

-----, «Ficção e Realidade da Crítica Literária», «Crítica Literária e Metodologia», «Sobre Régio», «Dois Fins de Século», in *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, 1ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1994, pp. 15-23, pp. 33-46, pp. 136-149, pp. 317-328.

-----, *Tempo e Poesia*, 1ª ed., Lisboa, Gradiva, 2003.

-----, «Orfeu e Presença», in *Revistas, Ideias e Doutrinas – Leituras do Pensamento Contemporâneo*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003, pp. 93-108.

MONTEIRO, Adolfo Casais, *O que foi e o que não foi o Movimento da “Presença”*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995.

REAL, Miguel, *O Essencial sobre Eduardo Lourenço*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

RÉGIO, José, *Críticos e Criticados (Carta a um amigo)*, Lisboa, Cadernos da “Seara Nova”-Estudos Literários, Seara Nova, 1936.

SARAMAGO, José, *Ensaio sobre a Cegueira*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1995.

SIMÕES, João Gaspar, «Adolfo Casais Monteiro – A Poesia da “Presença”: Estudo e Antologia», (1972), in *Crítica V – Críticos e Ensaístas Contemporâneos (1942-1979)*, pp. 667-672.

Ana Cristina F. Assunção Marrucho

Mestre em Literatura e Cultura Portuguesas, grau conferido pela Universidade Aberta, com a dissertação em Eduardo Lourenço intitulada «“Presença” ou a Contra-Revolução do Modernismo Português – a Crítica de um Mito ou o Mito da Crítica?»

Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses/Ingleses), conferida pela Universidade Nova de Lisboa.